

## A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO E A PRÁTICA PROFISSIONAL: QUAL A RELAÇÃO ?\*

NURSING EDUCATION AND PROFESSIONAL PRACTICE: WHAT IS THE RELATION?

Maria Alice Dias da Silva Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho enfoca a relação entre a formação do enfermeiro e sua prática profissional, a partir das experiências vivenciadas por enfermeiros, graduados em uma mesma Escola de Enfermagem e atuando em hospitais de Porto Alegre. A discussão dos elementos envolvidos nas categorias de análise oferece subsídios para a educação em enfermagem, salientando o fato de que essa se apresenta desvinculada da realidade da prática profissional, caracterizando dissociação entre teoria e prática.

**UNITERMOS:** educação em Enfermagem, prática profissional

### ABSTRACT

This paper focuses on the relation between nurse's education and professional practice, through the experiences of nurses that were graduated at the same School of Nursing and that were working in hospitals in Porto Alegre. The discussion of the aspects that are involved in the categories of analysis give elements for nursing education, emphasizing the fact that it is disconnected of the reality of the professional practice, which characterizes dissociation between theory and practice.

**KEY WORDS:** Nursing education, professional practice

### 1 INTRODUÇÃO

A enfermagem brasileira, considerada como enfermagem moderna e profissão institucionalizada, teve seu crescimento influenciado pelas políticas governamentais de saúde e de educação, num determinado momento histórico da sociedade brasileira. A educação em enfermagem contribuiu para o desenvolvimento da prática dos profissionais de enfermagem, porém, apresentando em alguns momentos, aspectos contraditórios em relação a essa prática e que foram determinantes da mesma.

Como docente, tenho me questionado sobre a prática de enfermagem e a formação do profissional enfermeiro, pois o exercício da profissão está vinculado à forma como ocorre o seu ensino. Assim, é necessário realizar uma reflexão mais aprofundada que possibilite uma compreensão da realidade do seu ensino em confronto à realidade da sua prática. O que se tem observado é que o ensino de enfermagem está voltado para reprodução e manutenção de modelos idealizados da enfermagem e que não são encontrados no exercício da profissão.

Alguns professores e alunos consideram que há uma dissociação entre o ensino e a prática da enfermagem. Essa idéia é reforçada pelas chefias de serviço das instituições que, seguidamente, referem que as escolas não preparam os enfermeiros para as necessidades do mercado de trabalho. As instituições têm expectativas quanto ao desempenho do enfermeiro que, em alguns momentos, se contrapõem às expectativas do próprio profissional e às concepções dos professores das escolas de enfermagem.

A preocupação quanto à dissociação entre o ensino e a prática de enfermagem tem levado a constantes questionamentos sobre qual enfoque utilizar na formação do enfermeiro. Para elucidar essa questão, é necessário considerar como o enfermeiro tem atuado em sua prática e como essa se relaciona com a sua formação, analisando se ele é preparado com vistas a atuar consoante uma linha reprodutora das relações de trabalho ou conforme uma linha crítica e transformadora dessas relações.

Com base nesses questionamentos, este estudo tem como objetivos:

- descrever, analisar e compreender a prática dos enfermeiros em seu processo de trabalho, relacionando com elementos da educação em enfermagem;

- oferecer subsídios para a prática educativa em enfermagem, possibilitando a análise de como essa tem ocorrido, a partir dos resultados encontrados.

\* Artigo elaborado com base na dissertação de mesmo título, apresentada, em junho de 1993, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, sob orientação da Dr<sup>a</sup> Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

<sup>1</sup> Professora Assistente da Escola de Enfermagem da UFRGS. Mestre em Educação. Doutoranda do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da EERP da USP.

Para tal, foi elaborado como problema:

Como se reflete a formação do enfermeiro na sua prática após a conclusão do curso, considerando aspectos relacionados ao fazer técnico específico e àqueles que dizem respeito à sua atuação como pessoa que exerce essa profissão, inserida em um determinado contexto?

Assim, procura-se apreender o entendimento que o enfermeiro tem a respeito do sentido social da sua atividade profissional, bem como suas percepções do aporte teórico auferido no curso e sua tradução em ações específicas do profissional.

A enfermagem é considerada como uma prática inserida no contexto da sociedade brasileira e, portanto, articulada com outras práticas sociais e inserida nas práticas de saúde. Acredita-se que, à competência técnico-científica necessita ser associada a competência política. Nesse sentido, a formação do enfermeiro tem o papel importante de proporcionar oportunidades aos estudantes para que tenham uma visão das questões que se relacionam ao seu próprio trabalho, refletindo sobre a quem serve, como é realizado e em que condições.

## 2 INVESTIGAÇÃO

Este estudo procura compreender e aprofundar o conhecimento sobre determinada realidade. Foi realizado com enfermeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que concluíram o curso no segundo semestre de 1989 ou no primeiro e segundo semestres de 1990. Desse universo de sessenta enfermeiros, foram selecionados, intencionalmente, vinte e quatro, levando em consideração diversas instituições onde atuam, tempo de exercício da profissão e diferentes áreas de atuação.

A coleta de dados foi realizada de abril a agosto de 1992. Solicitou-se a esses enfermeiros que respondessem, por escrito, a uma questão aberta: descreva sua vivência como enfermeiro, relacionando-a com a sua formação a nível de graduação.

A análise das respostas a essa questão aberta foi realizada com a utilização da técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1977). Consistiu no desmembramento do texto em diferentes núcleos de sentido, extraído dos depoimentos dos enfermeiros as partes utilizáveis de acordo com o problema pesquisado e que tivessem significado para o objetivo da análise.

As unidades desmembradas do texto foram depois reagrupadas e classificadas em categorias, criadas conforme o referencial teórico em que se apóia a pesquisa. Foram submetidas a um processo dinâmico de confronto dos dados agrupados com os aspectos teóricos apresentados, seguindo o que é sugerido por Lüdke e André (1986).

Da análise emergiram quatro categorias, que receberam denominações ao final da operação,

conforme o tema: qualidade da formação do enfermeiro, relação entre graduação e vivência profissional, prática da enfermagem – papel do enfermeiro e problemas do cotidiano, sentimentos do enfermeiro em relação à vida profissional.

A seguir, apresentarei e analisarei alguns dos elementos dessas categorias.<sup>2</sup>

## 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 3.1 Qualidade da formação do enfermeiro

O tema expresso com maior frequência, nessa categoria, diz respeito à formação teórico-prática. Para alguns, a formação teórica foi considerada boa. Entretanto, muitos reclamam que há falta de associação entre teoria e prática e que a experiência dos estágios é insuficiente para o desempenho profissional. Esses aspectos são evidenciados em depoimentos dos enfermeiros:

R - *"A dificuldade, no exercício da profissão, surgia quando associava teoria com prática, esta última me faltava".*

Q - *"Depois que comecei a trabalhar passei a assimilar o fazer em enfermagem, pois a partir daí consegui relacionar a prática à teoria".*

A dissociação entre teoria e prática no ensino de enfermagem parece ter suas raízes nas características básicas da organização do processo de trabalho na enfermagem, entre as quais estão a divisão entre o trabalho intelectual e o manual, ou seja, entre o pensar e o fazer. Essa dicotomia se acentua quando se considera o trabalho intelectual (teórico) diferente do manual (prático). Essa característica é hegemônica na estrutura sócio-econômica e cultural em nossa sociedade, não sendo exclusiva da organização do processo de trabalho na enfermagem.

Conforme Almeida e Rocha (1989), o ensino de enfermagem tem reforçado a divisão entre trabalho intelectual e manual, favorecendo as contradições da prática e contribuindo para o agravamento da crise de identidade desses profissionais.

Evidencia-se pelos depoimentos dos enfermeiros a necessidade de aprofundar a análise da relação entre teoria e prática. É necessário um intercâmbio constante entre os aspectos teóricos e os aspectos práticos, tanto a nível da formação do enfermeiro como no exercício da profissão. Parece, porém, que isto não tem ocorrido no ensino de enfermagem.

Isso é percebido, também, na metodologia utilizada no curso, como bem relatam os enfermeiros, havendo momentos distintos em que se desen-

2. Para mais informações, consultar LIMA (1993).

volem conteúdos teóricos e outros destinados especificamente aos estágios, para desenvolver atividades práticas.

Há um descompasso entre teoria e prática, pois a escola não está dando condições de trabalhar, concomitantemente, as duas fases, conforme pode-se inferir da análise dos depoimentos apresentados.

Pela análise das respostas dos enfermeiros, percebe-se que na escola ocorre, predominantemente, o ensino acadêmico e teórico, e como eles mesmos citam, alguns só integram teoria e prática quando estão exercendo a profissão. Isso também se evidencia quando alguns comentam que só aprenderam a ser enfermeiros na prática e no dia-a-dia.

Analisando os depoimentos, constatou-se que os enfermeiros vivenciam, ao exercer a profissão, situações diferentes daquelas experiências dos estágios da graduação.

A necessidade do desenvolvimento de uma postura crítica tem sido considerada como fator de importância para transformação da prática de enfermagem. Porém essa questão parece não estar sendo valorizada no ensino de enfermagem, conforme o relato a seguir:

S- "*Acho que a pouca participação dos enfermeiros nos órgãos de classe é fruto de uma prática onde o estudante participa muito pouco da sua entidade estudantil e é pouco incentivado a questionar dentro da sala de aula. Ao contrário, o aluno que questiona é discriminado*".

Pode-se analisar os elementos apontados por esse enfermeiro, retomando Germano (1985), quando diz que na educação em enfermagem passa a ideologia de que a enfermeira deve ser disciplinada, obediente e não exercer crítica social.

Como a maioria dos profissionais é do sexo feminino, a imagem que a sociedade faz da enfermeira está ligada à docilidade e à abnegação, características essas que já haviam sido valorizadas por Florence Nightingale e que ainda vêm sendo mantidas na educação em enfermagem.

Além de não haver a preocupação em desenvolver uma postura crítica, essa educação tem enfatizado aspectos de conduta, tais como a disciplina e a valorização de uma moral rígida, que ainda estão presentes na enfermagem brasileira e em seu ensino, embora desde a última década tenha se valorizado a necessidade de analisar criticamente a profissão.

A valorização dos aspectos de moral, caráter e atitudes, tanto no ensino de enfermagem como em sua prática, tem contribuído para o pensamento de que um bom profissional deve ser humilde, disciplinado, obediente e não questionador. Porém, a aceitação e o não-questionamento das condições

de ensino e de trabalho não contribuem para revelar os problemas e contradições existentes na prática e que têm sido reforçados pelo ensino.

Ao contrário, contribui para a manutenção da problemática existente, pois não se pode esperar que um profissional que não questiona e que é submisso venha a ser um agente atuante, crítico e que busque transformações sociais.

Quando o enfermeiro S diz que "o estudante (...) é pouco incentivado a questionar dentro da sala de aula. Ao contrário, o aluno que questiona é discriminado.", faz alusão ao posicionamento dos professores, que também estão impregnados dessa ideologia na enfermagem.

### 3.2 Relação entre graduação e vivência profissional

O tema mais freqüente refere-se à dissociação entre graduação e vivência profissional o que, de certa forma, mostra recorrência relativamente à questão da imbricação teoria/prática e de prática em estágio.

Poucos enfermeiros (dois) expressaram que a graduação deu condições para exercer a prática. Alguns, entretanto, mencionaram a necessidade de buscar conhecimentos e experiências fora da escola.

Os depoimentos a seguir evidenciam como os enfermeiros percebem a dissociação entre o ensino na graduação e o vivenciado na sua prática profissional:

D - "*Observei durante a graduação e após a conclusão do curso, que existe um desencontro de informações, pois quando saímos da instituição de ensino e caímos na realidade profissional, temos que nos readaptar e iniciar um 'novo curso voltado para esta realidade*".

G - "*A realidade de trabalho é bastante diferente daquela com a qual convivemos durante todo o curso*".

Dessas observações, pode-se inferir que as experiências ao nível da escola são diferentes das situações da realidade. A dissociação entre o ensino e a realidade foi igualmente constatada em outros estudos, entre os quais podemos citar Pereira (1992), Magalhães (1991).

Pereira (1992) constatou a existência de duas diferentes subculturas de enfermagem, em estudo realizado com enfermeiros recém-formados. Uma das subculturas é representada pelos valores da escola de enfermagem e a outra, é representada pelos valores da prática profissional, o que também foi identificado no presente estudo, conforme explicitado pelos enfermeiros:

Z- *"No hospital onde comecei a trabalhar, percebi que a prática é bem diferente da que aprendi na Escola de Enfermagem".*

J- *"Tenho pouca experiência como profissional, mas posso dizer que as atividades que exerço dentro do hospital são bastante diferenciadas da experiência a nível de graduação".*

Nesses depoimentos, os enfermeiros expressam suas impressões ao enfrentarem a realidade da enfermagem como profissionais, vivendo situações de conflito ao constatarem a existência de duas realidades diferentes, a do ensino e a da prática. Manifestam, ainda, a diferença que percebem em suas experiências em um hospital universitário durante os estágios, e seu trabalho em outros hospitais que não possuem os mesmos recursos financeiros, materiais e humanos.

Além de ser distante da realidade, os enfermeiros identificaram que a graduação mostra uma visão idealista e fantasiosa do papel do enfermeiro, o que não condiz com o que eles encontram na vida profissional:

S- *"Nos é passado um quadro muito fantasioso do papel do enfermeiro".*

X- *"Na graduação, nota-se idealismos, visões da enfermagem e do enfermeiro que não correspondem à verdade".*

Talvez essas visões fantasiosas e distorcidas do enfermeiro estejam contribuindo para que muitos expressem seu descontentamento com a profissão e seu desapontamento com o curso de enfermagem.

### 3.3 Prática da enfermagem - Papel do enfermeiro e problemas do cotidiano

Essa categoria se compõe das idéias relacionadas à prática de enfermagem quanto às atividades exercidas pelo enfermeiro e que caracterizam seu papel profissional, conforme expresso pelos sujeitos que participaram deste estudo.

Alguns deles apontaram problemas inerentes a essa prática e que expressam dificuldades do seu cotidiano, muitas vezes decorrentes das condições de trabalho e da situação sócio-econômica e cultural do contexto em que estão inseridos. Os depoimentos, transcritos a seguir, expressam de que forma ocorre sua atuação nas instituições em que trabalham.

J- *"Acho que o que eu menos exerço agora é a parte assistencial, é uma pena!".*

M- *"Acho que a parte assistencial não é totalmente desenvolvida na prática profissio-*

*nal, devido ao envolvimento da enfermeira com a coordenação da unidade".*

As idéias expressas por esses dois sujeitos caracterizam muito bem o dilema que o enfermeiro enfrenta na prática da profissão, com relação ao seu objeto de trabalho. O enfermeiro pouco exerce a função assistencial, delegando o cuidado direto do paciente aos outros membros da equipe de enfermagem e assumindo a execução de atividades mais voltadas para a função administrativa. Esta função surgiu juntamente com a institucionalização da enfermagem, reforçada pela divisão técnica e social do trabalho e caracterizando-se como atividade eminentemente intelectual e fonte de prestígio para o enfermeiro. O cuidado direto do paciente, entendido como atividade eminentemente manual, é delegado aos outros membros da equipe que são considerados menos preparados intelectualmente.

O atrelamento às necessidades do sistema, segundo Gastaldo e Meyer (1989), fez do enfermeiro um profissional afastado das atividades assistenciais e ligado ao controle dos demais componentes da equipe, através da administração.

Esse controle dos outros trabalhadores da equipe de enfermagem traz alguns conflitos nas relações de trabalho, devido à hierarquização de seus agentes e à expectativa quanto ao posicionamento do enfermeiro como coordenador da equipe. Muitas dificuldades surgem nessa relação, conforme expresso nos depoimentos a seguir:

S- *"Considero que a maior dificuldade que eu enfrentei e enfrento ainda é quanto à administração de pessoal, o relacionamento com os funcionários".*

T- *"Enfrentei muitas dificuldades para liderar a equipe de trabalho, pois tinha pouca habilidade técnica e um grande desgaste emocional".*

O- *"Foi bastante difícil minha atuação no início, quanto à prática de enfermeira relacionada ao funcionário".*

F- *"Senti muita dificuldade como profissional, no sentido de fazer parte de uma equipe e ter de coordenar o trabalho da mesma".*

Outro ponto importante é que a função gerencial, como vem sendo exercida pelo enfermeiro, responde à expectativa das instituições onde essa prática ocorre, principalmente no campo hospitalar. O que se espera do enfermeiro e o que esse mais vem realizando são as atividades administrativas, sem que o seu papel esteja definido, conforme os seguintes depoimentos:

X - *"O enfermeiro, pelo menos no campo hospitalar, faz um papel tarefeiro - o médico usa esse profissional como fonte de informações sobre o paciente, como instrumento de execução de procedimentos, mas poucos respeitam o enfermeiro como um profissional capaz de decidir e avaliar de forma competente".*

Z - *"Na minha prática, constatei que o enfermeiro é aquele que 'quebra todos os galhos' - assume papéis que não são seus e ao mesmo tempo tem um poder de decisão limitado".*

U - *"Enfermeira serve para tudo, não conseguindo satisfazer-se e realizar um bom trabalho, o que resulta em frustração".*

Pode-se, ainda, associar esta questão à situação que existe na maioria das instituições de saúde, devido às más condições de trabalho relativas à estrutura econômico-social e política do país e que se refletem nas condições oferecidas pelo mercado de trabalho com relação ao número insuficiente de profissionais. Nestas instituições, as relações de trabalho apresentam conflitos entre os membros da equipe de saúde, e a relação entre médicos e enfermeiros retrata a falta de identidade do enfermeiro, quando assume papéis que não são seus.

Quando os participantes deste estudo dizem que "enfermeira serve para tudo" e "o enfermeiro é aquele que quebra todos os galhos", torna-se evidente a falta de delimitação explícita das reais atribuições do enfermeiro.

Outros problemas do cotidiano, expressos nos depoimentos que seguem, são também decorrentes das condições de trabalho da maioria das instituições de saúde.

I - *"Como enfermeiro, vejo-me sempre confrontado com problemas vinculados à realidade da instituição em que trabalho: material deficiente, mão-de-obra escassa e pouco qualificada, má remuneração decorrente de uma política de saúde falida, ou melhor dizendo, inexistente".*

As condições de trabalho do enfermeiro são historicamente precárias e determinadas pela situação econômica e política do país e das instituições de saúde.

Para Alves (1987), as condições de trabalho estão ligadas ao comportamento político dos trabalhadores. Na enfermagem, nota-se uma situação de omissão e debilidade de seus agentes, o que reforça a estrutura do mercado de trabalho.

A maioria dos enfermeiros, em seus depoimentos, não fez alusão à busca de competência

política como um aspecto que deva ser valorizado em sua prática. Apenas um enfermeiro mencionou que há pouca participação nos órgãos de classe, como forma de luta para melhorar a prática e valorizar o papel do enfermeiro.

A escola parece não estar enfatizando a importância do papel transformador na educação e na prática profissional, considerando que poucos enfermeiros participam de discussões e reflexões sobre a prática da profissão. Se a educação de enfermagem quiser preparar os enfermeiros para questionar e refletir sobre suas próprias práticas, os educadores devem repensar suas estratégias de ensino, procurando analisar de que maneira os professores, os alunos e os enfermeiros vivenciam o contexto da profissão.

#### 3.4 Sentimentos do enfermeiro em relação à vida profissional

Nessa categoria foram agrupadas as idéias que os enfermeiros expressam nos depoimentos sobre seus sentimentos em relação à vida profissional. Mencionam sentimentos variados como: insegurança no início da prática profissional, medo de enfrentar certas situações, insatisfação quanto ao exercício da profissão, entre outros.

Eles expressam sentimentos similares ao iniciar sua vida profissional, logo após a conclusão do curso. Seus depoimentos parecem denotar falta de segurança ao assumir um papel diferente daquele que vivenciaram ao longo do curso de graduação, como alunos.

A sensação de despreparo e de não saber praticamente nada parece denotar um sentimento de insegurança frente a situações novas. Pereira (1992), em pesquisa realizada com enfermeiros recém-formados em Escolas de Enfermagem de Porto Alegre, relata que esses experimentam o início da profissão de enfermagem como um choque, pois não se sentem preparados para começar a ser enfermeiros. Relatam suas experiências usando expressões tais como "desafio", "experiência muito dura", "situação muito difícil", revelando seu desapontamento com a educação de enfermagem e o contexto da prática profissional.

Entretanto, isso não ocorre especificamente só com os enfermeiros - muitos profissionais recém-formados expressam sentimentos de insegurança ao se depararem com a necessidade de assumir o papel e a responsabilidade inerentes ao desempenho de sua função. Ao relacionar o que foi mencionado pelos sujeitos da pesquisa com os aspectos que foram discutidos anteriormente sobre a qualidade da formação do enfermeiro, pode-se analisar melhor esta questão.

Foi explicitado, pelos enfermeiros, que a formação deixa a desejar na integração teoria e prática. Parece, então, que os enfermeiros não sentem

segurança ao iniciar a vida profissional, considerando-se as vivências relacionadas ao desempenho teórico-prático durante a sua formação e como eles percebem o preparo para exercer as funções requeridas. Um fator importante a ser considerado é que a maioria das instituições não se preocupa com a inserção do novo profissional em seu local de trabalho. Alguns enfermeiros expressaram, ainda, sentimentos de desapontamento com a profissão:

S - *"A formação distante da realidade leva o enfermeiro, muitas vezes, a se decepcionar com a profissão".*

A - *"Na enfermagem, se não há o amor pela profissão, desiste-se logo na primeira, pois as recompensas, fora a gratificação de ver o paciente recuperado, são pouquíssimas".*

A falta de gratificação no trabalho e a insatisfação dos profissionais de enfermagem tem sido muito comentada. Isso pode ser atribuído a algumas características da enfermagem, que a tem tornado diferente de outras profissões. Talvez pela própria trajetória que seguiu ao longo da história, a enfermagem foi considerada pela sociedade como atividade de caridade e bondade, desprovida de conotação profissional como trabalho remunerado e gratificante.

Acredita-se que, no momento, o enfermeiro tem se posicionado de maneira um pouco diferente, valorizando a necessidade de obter satisfação no seu trabalho, embora ainda muito precise ser modificado para que isso seja alcançado. Apesar de expressarem seu descontentamento, os enfermeiros não analisam possíveis causas que geram esses fatores de insatisfação, nem parecem cogitar de uma prática superadora na busca de uma transformação qualitativa dessa situação. A solução é abandonar a profissão.

A satisfação profissional não decorre apenas de fatores intrínsecos à pessoa, mas também em função dos fatores existentes no contexto profissional. A maioria dos fatores que levam à insatisfação são decorrentes das condições de trabalho. O que tem ocorrido, na maioria das vezes, é a aceitação dessas condições, não havendo uma reflexão sobre questões político-ideológicas que as determinam e o reconhecimento de que são necessárias várias transformações no contexto da profissão. A escola tem um papel importante de mostrar a situação real da profissão e de como o profissional pode se posicionar para contribuir para transformá-la. Para isso, a educação em enfermagem deve estar vinculada à realidade social e profissional, voltada para desenvolver nos enfermeiros a capacidade de reflexão crítica sobre as questões que influenciam e determinam a prática.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfermeiro, enquanto sujeito de uma prática social, está, de maneira geral, atuando dentro de uma linha reprodutora das relações de trabalho, parecendo evidenciar que sua prática está seguindo modelos prontos, não havendo a preocupação pela busca da transformação. Isto pode ser atribuído à pouca consciência crítica dos enfermeiros, que apenas identificam a situação de pouca valorização profissional mas aceitam a sua perpetuação, embora manifestem sentimentos de insatisfação quanto ao exercício da profissão.

Alguns poucos enfermeiros, com maior capacidade de crítica, conseguem ter a preocupação em tentar reverter esta situação, embora alguns tenham relatado sua opção por abandonar a profissão.

Estes enfermeiros, que conseguem ter consciência da problemática da prática profissional e do seu ensino, apontam que a escola não propicia elementos, na formação, para que ele possa se voltar para uma atuação dentro de uma linha crítica e transformadora das relações de trabalho.

Uma pedagogia transformadora deve conscientizar, comprometer o enfermeiro, centrando o desenvolvimento do ensino em conteúdos técnico-científicos que desenvolvam, ao mesmo tempo, uma competência para a crítica social.

A escola tem contribuído, como ficou evidente, para manter um modelo de obediência, aceitação e submissão, já que os próprios professores não aceitam muito bem aqueles alunos que questionam e que sugerem novas alternativas.

As relações entre a formação do enfermeiro e a prática parecem limitar-se a relações de manutenção da situação existente, ou seja, de reprodução de modelos. Embora se reconheça a importância do desenvolvimento de uma postura crítica como fator necessário para transformar a prática, o ensino de enfermagem não está privilegiando esta questão. Ao contrário, ainda valoriza aspectos de conduta em detrimento do conhecimento, assim como valoriza a docilidade e a abnegação em detrimento do questionamento e da reivindicação por melhores condições de trabalho e de vida.

A relação entre a formação do enfermeiro e a prática profissional é expressa, ainda, pela dissociação entre a graduação e a vivência profissional dos enfermeiros que participaram do estudo. Esta dissociação também denota que há falta de imbricação entre teoria e prática.

A partir dos depoimentos apresentados, também podemos inferir que as experiências ao nível da escola são diferentes das situações da realidade. Isto serve para reforçar ainda mais esta dissociação entre ensino e realidade e, por conseguinte, entre teoria e prática.

A escola e seus professores têm valores diferentes dos valores dos enfermeiros e da prática

profissional, mostrando a existência de duas realidades diferentes, a do ensino e a da prática.

Embora a escola não mostre muito bem os problemas do cotidiano, a prática se encarrega de mostrar aos enfermeiros qual é seu papel. Estes, logo identificam problemas inerentes a essa prática e apontam diversas dificuldades com que se deparam em decorrência das condições de trabalho das instituições e da situação sócio-econômico-cultural do contexto em que estão inseridos.

Os demais membros da equipe de saúde esperam que os enfermeiros resolvam todos os problemas que surgirem, sejam ligados ao paciente ou decorrentes da estrutura organizacional da instituição. Assim, os enfermeiros tornam-se "quebragalhos" e são vistos como profissionais que servem para tudo, dentro da equipe de saúde.

Estes problemas do dia-a-dia são, também, decorrentes das condições de trabalho da maioria das instituições de saúde do país, onde constatamos falta de recursos humanos e materiais, decorrentes da situação econômica e política.

Alguns enfermeiros manifestaram seus sentimentos ao iniciarem sua vivência profissional, logo após a graduação. Referiram sensação de despreparo e de não saber praticamente nada, o que parece denotar um sentimento de insegurança frente a situações novas.

A escola parece não estar dando aporte psicológico para que os enfermeiros enfrentem as situações da realidade, com que se deparam em seu cotidiano. A falta de segurança para executar procedimentos que não foram realizados como alunos contribui para as incertezas que os profissionais têm em relação as suas capacidades e habilidades. Dessa forma, parece evidente que os alunos, de maneira geral, não possuem suporte psicológico para atender às próprias necessidades psicossociais e não são preparados para o desenvolvimento da própria profissão.

Muitos enfermeiros encontram, na prática profissional, condições para superar essas dificuldades e inseguranças, contando com auxílio

de colegas mais experientes, tornando-se mais seguros com as experiências do dia-a-dia e aumentando sua auto-confiança ao vivenciarem situações difíceis. Entretanto, para alguns, a falta de gratificação e a insatisfação no trabalho são mais fortes, mas não há preocupação em buscar a transformação desta prática.

A escola precisa ter conhecimento desses sentimentos que são vivenciados pelos enfermeiros em sua prática profissional e procurar analisar, ao longo do curso, alternativas para modificar as condições de trabalho, que são em grande parte responsáveis pela falta de satisfação dos profissionais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, Maria Cecilia Puntel de; ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. *O saber de enfermagem e sua dimensão prática*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- 2 ALVES, Delvair de Brito. *Mercado e condições de trabalho da enfermagem*. Salvador: Gráfica Central, 1987.
- 3 BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- 4 GASTALDO, Denise Maria; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 42, n.1/4, p.7-13, jan./dez. 1989.
- 5 GERMANO, Raimunda Medeiros. *Educação e ideologia da enfermagem no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985
- 6 LIMA, Maria Alice Dias da Silva. *A formação do enfermeiro e a prática profissional: qual a relação?* Porto Alegre: PUCRS, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.
- 7 LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- 8 MAGALHÃES, Ana Maria Müller. *Cursos de graduação em enfermagem: estudo de opinião dos alunos*. Porto Alegre: PUCRS, 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991.
- 9 PEREIRA, Rosane Carrion Jacinto. *Untold stories: the lived experience of brazilian novice nurses*. New York: Columbia University, 1992. Thesis (Doctor of Education) - Teachers College, Columbia University, 1992.

Endereço do autor: Maria Alice Dias da Silva Lima  
 Author's address: Rua Albert Einstein, 1334 ap 15  
 CEP 14051 - 110 - Ribeirão Preto - SP